

POLÍTICA ECONÔMICA

Econ. Brasil

Piora o humor dos economistas

Última avaliação: recuperação é incerta e o ajuste fiscal está além do horizonte

ROLF KUNTZ



O humor de economistas e empresários ficou de novo sombrio. Durou só um mês o moderado otimismo provocado, em março, pelos primeiros sinais de reativação econômica e recuo da inflação. Que foi que mudou nos últimos 30 dias? A inflação continua a perder impulso, pouco a pouco, segundo os números divulgados na semana passada. O desemprego industrial cresce mais lentamente. Os requerimentos de falência, em São Paulo, aumentaram de 697 em março para 739 em abril, mas os protestos e concordatas diminuíram. E as vendas do comércio permanecem fracas, com o consumidor pouco disposto a gastar em bens duráveis.

Em resumo: se não houve grande mudança, nem para melhor, nem para pior, qual o novo problema? Esse mesmo, respondem os entrevistados.

"Estamos vivendo o que todos sabiam que iria ocorrer", diz o chefe do Departamento Econômico da Confederação Nacional da Indústria, Marco Antônio Guarita. "O que todos sabiam" é que a política monetária não pode ser usada, indefinidamente, como único instrumento ou instrumento principal de uma estratégia de ajuste. Essa política está desgastada e o acerto das contas públicas permanece uma promessa sem prazo. Pior que isso: a situação do Tesouro Nacional é mais frágil que no ano passado e ninguém sabe o que resultará da votação das reformas fiscal e monetária.

Há um desgaste da esperança, com a persistência da recessão e da inflação alta, diz o diretor do Instituto de Economia Gastão Vidigal, da Associação Comercial de São Paulo, Marcel Solimeo. As vendas de automóveis cresceram em abril, por causa da redução de impostos, mas o faturamento da maior parte do comércio, pelas suas contas, deve ter sido menor que o de um ano antes, em termos reais. Entre os industriais, o humor também piorou.

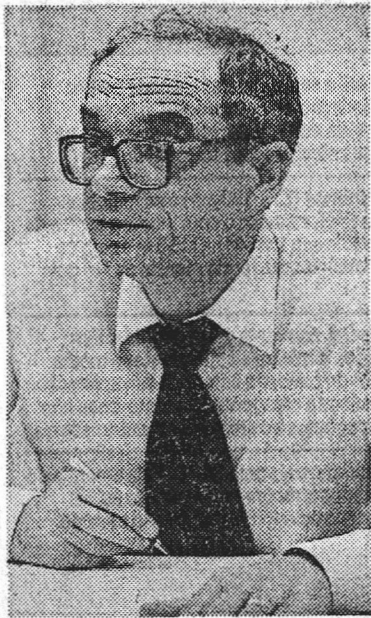
Sem horizonte — Segundo avaliação divulgada pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), a produção permaneceu estagnada em março e em abril. Além disso, na última reunião de dirigentes da Confederação Nacional da Indústria (CNI), no Rio de Janeiro, na semana passada, o balanço de abril realimentou o pessimismo.

Chegou-se a pensar na preparação de propostas de alternativas políticas. Mas não há nada em vista, segundo Marco Antônio Guarita. Há somente, de acordo com ele, uma percepção de que os problemas se prolongam:

- Nada indica uma grande mudança no quadro de recessão. As demissões continuam, embora devesse estar ocorrendo uma melhora sazonal.

- Não há perspectiva de uma redução mais significativa da inflação. Os avanços, até agora, foram pequenos.

- Os resultados de caixa do Tesouro têm sido medíocres. Além disso, os juros altos começam a pesar na dívida pública e não há perspectiva de conserto das contas públicas.



Solimeo

Nada mudou muito e a esperança se desgasta

■ Os efeitos da política foram até agora muito limitados, mas os custos, medidos pelo desemprego e pelos maus resultados empresariais, continuam pesados. A questão é inevitável: com todos esses custos, basta estabilizar a inflação perto de 20% ao mês?

Sobreviver — "Não imagino uma mudança abrupta da política econômica", diz Guarita, "mas acho importante que se indiquem dois pontos: a viabilidade do ajuste e medidas compensatórias, ainda que sejam as mais comuns, como estímulos à construção e a atividades criadoras de emprego. É preciso imaginar que a transição possa ser feita com sobrevivência".

Uma percepção semelhante — de um sacrifício sem propósito — é revelada, em São Paulo, pelo superintendente da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), Pedro Paulo Martoni Filho: "Sem mudanças que resolvam o problema fiscal, corremos o risco de ficar com a recessão pela recessão". No entanto, diz Martoni, os instrumentos de política econômica estão perdendo a eficácia e nem há perspectiva, até agora, de votação das mudanças fiscais e tributárias. Sem nada que force uma reversão, continua, a inflação tende a acomodar-se em níveis altos e o desemprego também.

Desde a virada do ano o humor de empresários e economistas mudou duas vezes. Em dezembro, a expectativa era de um aprofundamento da recessão no primeiro trimestre. Em janeiro, diretores da Fiesp anunciaram a perspectiva de 60 mil demissões até março. As dispensas acabaram superando esse número, mas a boa safra, o aumento de exportações e uma reação das vendas da indústria, em fevereiro, alimentaram inesperado otimismo. Mas nem o anúncio do IGPM de abril, 19,94%, impediu a nova onda de ceticismo. A redução dos juros, ao invés de ser saudada como indício de confiança na baixa da inflação, acabou servindo para reanimar os mercados especulativos. Podem ser sintomas de claudicação, problema fora do alcance da política econômica. Mas esta pode ser, também, uma explicação perigosamente fácil.